

“MEU AMÁVEL LEITOR”: A FIGURAÇÃO DO LEITOR NAS CRÔNICAS DE JOSÉ DE ALENCAR

Valéria Cristina BEZERRA¹

RESUMO: O leitor desempenha uma importante função na obra de José de Alencar, pois se faz presente nos seus inúmeros prefácios; nos romances, através da representação de imagens de leitura (SALES); nas crônicas, evidenciado pela constante interlocução com o público. A crítica considera que a estreia literária de Alencar se dá nas colunas da seção “Ao correr da pena”. Alencar, nessa primeira experiência, estabelece contato com o público, apropriando-se de elementos que comporiam a sua imagem de leitor. As inúmeras referências a seu receptor permitem identificar a figuração que Alencar constrói de seu público.

Palavras-chave: leitor; crônica; folhetim.

RÉSUMÉ: Le lecteur joue un rôle très important dans l’oeuvre de José de Alencar, car il est présent dans ses plusieurs préfaces; dans ses romans, à travers la représentation des images de lecture (SALES); dans ses chroniques, mis en évidence par le constant dialogue avec le public. La critique considère que le début littéraire d’ Alencar a lieu dans la rubrique “Ao Correr da Pena”. Dans sa première expérience, Alencar prend contact avec le public, s’en appropriant les éléments qui constitueront son image de lecteur. Les innombrables références à son récepteur permettent d’identifier la figuration qu’a construit Alencar de son public.

Mots-clés: lecteur; chronique; feuilleton.

“Nenhum estudo sobre o Sr. José de Alencar seria completo, se essa época tão importante de sua vida fosse deixada de parte”.
Joaquim Nabuco

A 3 de setembro de 1854, José de Alencar estreia no rodapé do *Correio Mercantil* a sua sessão semanal “Ao Correr da Pena”. A crítica estabelece a data como sendo o início da atuação jornalística e literária de Alencar e atribui a Francisco Otaviano, colega nos anos acadêmicos de São Paulo, a responsabilidade pela inserção do escritor na imprensa do período. De fato, Alencar, a partir dessa data, tem espaço fixo para exercitar a sua pena ligeira e exprimir um pouco de sua imaginação vibrante. Mas sua relação com o público da corte pode ter se dado um pouco antes do que vulgarmente se estabelece. Brito Broca enuncia que Alencar, antes de atuar no *Correio Mercantil*, “escrevera, esporadicamente, um ou dois artigos para o Diário do Rio, que lhe valeram uma carta elogiosa de Francisco Otaviano”

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: valcrisbr@yahoo.com.br.

(Broca, 1979, p. 247). Lira Neto foi em busca desses supostos artigos e encontrou, na verdade, uma sessão de folhetim intitulada “Álbum”, composta de quatro crônicas, publicadas nos meses de julho e agosto de 1854, anônimas, mas, segundo o biógrafo, sua autoria pode ser atribuída a Alencar devido a um artigo do próprio escritor publicado no jornal *O Globo*, em 1875, em que faz referência a essa atuação, e devido a esse elogio de Francisco Otaviano, cuja fonte não foi informada (Neto, 2006, p. 88-90). À procura desses folhetins, verifiquei que a série se inicia no dia 23 de julho de 1854, sendo uma sessão dominical. De fato, são artigos anônimos. Ainda falta uma pesquisa que use de métodos adequados para identificar a autoria dessas crônicas como sendo realmente de Alencar.

Francisco Otaviano era um homem de negócios e não teria indicado Alencar para substituí-lo no *Jornal do Commercio* e o convidado para atuar no *Correio Mercantil* apenas em reconhecimento à amizade dos tempos acadêmicos. Provavelmente Alencar já teria experimentado de boa repercussão na imprensa. Dentre esses dois periódicos, Alencar preferiu seguir a carreira no *Correio Mercantil*, ao lado do amigo Francisco Otaviano.

Alencar, no folhetim de estreia da sessão “Ao Correr da Pena”, já demonstra uma preocupação com a recepção de seus textos. Francisco Otaviano era, no momento, o nome de destaque nas chamadas páginas menores. Após assumir a direção do *Correio Mercantil*, se ocupou, além da administração, da escrita de textos sérios e passou o bastão, ou melhor, a pena, para Alencar. O folhetinista se deparava com uma situação delicada, pois teria que substituir a “pena de ouro”, designação do público para Francisco Otaviano. Para evitar hostilidade por parte do leitor, Alencar cria uma história e metaforiza essa substituição, que resultará na mudança do ritmo de escrita desses folhetins:

Um belo dia, não sei de que ano, uma linda fada, que chamareis como quiserdes, a poesia ou a imaginação, tomou-se de amores por um moço de talento, um tanto volúvel como ordinário o são as fantasias ricas e brilhantes que se deleitam admirando o belo em todas as suas formas. [...] Assim se passou muito tempo; mas já não há amores que durem sempre, principalmente em dias como os nossos, nos quais o símbolo da constância é uma borboleta. Acabou o poema fantástico no fim de dois anos; e um dia o herói do meu conto, chamado a estudos mais graves, lembrou-se de um amigo obscuro, e deu-lhe a sua pena de ouro (Alencar, 2003, p. 18-19).

Essa postura já revela o compromisso do folhetinista com seu público. O título de sua sessão é indicativo dessa atenção. Alencar, em continuação a essa mesma historinha, afirma que essa pena, nas mãos do “moço de talento”, era dada às “formas elegantes” e a “meneios feiticeiros”; já nas mãos do folhetinista estreante “só fazia correr”. Dessa forma determina um

tipo de leitura para as suas crônicas: como são escritas “ao correr da pena”, devem ser lidas ao correr dos olhos. E como essa pena corre! Alencar perpassa assuntos que atendam aos mais diferentes interesses, demonstrando alguma inquietação com essa exigência do gênero:

Obrigam um homem a percorrer todos os acontecimentos, a passar do gracejo ao assunto sério. Do riso e do prazer às misérias e às chagas da sociedade; e isto com a mesma graça e a mesma *nonchalance* com que uma senhora volta as páginas douradas do seu álbum, com toda a finura e delicadeza com que uma mocinha loureira dá sota e basto a três dúzias de adoradores! Fazerem do escritor uma espécie de colibri a esvoaçar em ziguezague, e a sugar, como mel das flores, a graça, o sal e o espírito que deve descobrir no fato mais comezinho! (Alencar, 2003, p. 28).

Alencar ficcionaliza diferentes perfis de leitores e sugere para cada um deles gostos e preferências, o que o favorece na seleção de assuntos que possam dialogar com as mais diferentes expectativas. Porém o escritor confessa que a tarefa não é fácil:

Se se trata de coisa séria, a amável leitora amarrota o jornal, e atira-o de lado com um momozinho displicente a que é impossível resistir. – Quando se fala de bailes, de uma mocinha bonita, de uns olhos brejeiros, o velho tira os óculos e diz entre dentes: ‘Ah! O sujeitinho está namorando à minha custa! Não fala contra sãs reformas! Hei de suspender a assinatura’. O namorado acha que o folhetim não presta porque não descreveu certo *toilette*, o caixeiro porque não defendeu o fechamento das lojas aos domingos, as velhas porque não falou na decência das novenas, as moças porque não disse claramente qual era a mais bonita, o negociante porque não tratou das cotações da praça, e finalmente o literato porque o homem não achou a mesma idéia brilhante que ele ruminava no seu alto bestunto (Alencar, 2003, p. 29).

Nesse vai e vem, o seu objetivo é fazer que o leitor, qualquer que seja, leia o seu texto integralmente, para isso é fundamental despertar sempre o seu interesse, não entediá-lo. Essa sua preocupação é constantemente referida, através de um tom de conversa e de lisonja com o leitor: “Aposto, porém, que a esta hora já o meu respeitável leitor está torcendo a cabeça em forma de ponto de interrogação, para perguntar-me se pretendo escrever uma revista hebdomadária sem dar-lhe nem ao menos uma ou duas notícias curiosas” (Alencar, 2003, p. 46).

Algumas vezes, é possível identificar que leitor se sobressai nos assuntos comentados por Alencar: o leitor, homem dado à política e assuntos sérios; ou a leitora: voltada para entretenimento, moda e fatos romanescos. Se o folhetinista atende a assuntos dessas duas categorias de público, o tom empregado nem sempre é o mesmo. A leitora é abordada, muitas vezes, com indisfarçado sarcasmo. Ao tratar da chegada das máquinas de costura de Mme.

Besse, Alencar destaca o assunto do âmbito feminino e prova, recorrendo à história e à mitologia, ser o assunto de interesse masculino, e conclui: “Assim, pois, é justamente para os espíritos graves, dados aos estudos profundos e às questões de interesse público, que resolvi descrever a visita à fabrica de coser de Mme. Besse” (Alencar, 2003, p. 50). Para arrematar a sugestão de frivolidade da leitora, completa: “Era na ocasião dessas visitas que eu desejaria achar-me lá para observar o desapontamento das minhas amáveis leitoras (se é que as tenho, visto que estou escrevendo para os homens pensadores)” (Alencar, 2003, p. 51).

A tônica “meu amável leitor” ou “minha amável leitora”, tão comum nos folhetins do período, é recorrentemente empregada por Alencar, que, nos primeiros folhetins, só tem boas palavras para o seu público. Alencar usa da lisonja ao abordar o leitor, elogiar as moças, exaltar a sociedade. Mas já no quinto folhetim, de 15 de outubro de 1854, ou seja, pouco mais de um mês após sua estreia na sessão, tratando da possibilidade de uma epidemia de cólera, Alencar dispara contra a leitora:

Não me devo meter em semelhante questão; mas, a falar a verdade, prescindindo da gramática, creio que aqueles que dão ao cólera o gênero feminino têm alguma razão, por isso que os maiores flagelos deste mundo, a guerra, a morte, a fome, a peste, a miséria, a doença, etc., são representadas por mulheres. [...] Se as minhas amáveis leitoras não gostarem desta razão, que acho muito natural, chamem a contas os pintores e os poetas, que são os autores de tudo isto (Alencar, s/d, p. 55).

Como bem conclui Lira Neto, “o folhetinista arriscava-se a perder algumas leitoras mais melindrosas, mas nunca a chance de pespegar-lhes uma boa piada” (Neto, 2006, p.112). Para não incorrer no risco de ofender suas leitoras ou perdê-las, Alencar, após alfinetar, tenta se redimir ou se isentar, ainda mantendo o sarcasmo:

Quanto a mim, não tenho culpa nenhuma das extravagâncias dos outros, e até estou pronto a admitir a opinião do meu colega A. Karr, que explica aquele fato pela razão de que as senhoras são extremos em tudo, tanto que as mais belas coisas deste mundo são também significadas por mulheres assim como a beleza, a glória, a justiça, a caridade, a virtude e muitas outras que, como estas, não se encontram comumente pelo mundo, mas que existem no dicionário (Alencar, s/d, p. 55).

A relação de Alencar com a leitora é bastante intensa. É ela que Alencar convoca para realizar a promoção do estreante Ginásio Dramático; é para ela que Alencar exercita a sua linguagem poética, comenta as noites do Cassino e do teatro. No entanto, a grande queixa do escritor em relação à leitora é a sua restrição intelectual. O folhetinista, em muitas

ocasiões, expõe essa sua concepção, de forma mordaz:

Uma mocinha do tom – que se quer distinguir – deve aborrecer o baile, e gostar de alguma coisa que não seja trivial, como, por exemplo, de rezar, de ler anúncios, e sobretudo conversar com os diplomatas sobre questões de alta política internacional (Alencar, s/d, p. 93).

Convicto de sua limitação de interesses, Alencar direciona a leitora para aquilo que ela busca dentro das colunas, indicando onde está o seu assunto, para que ela não perca tempo lendo aquilo que não compreende: “Voltai! Voltai depressa esta folha, minha mimosa leitora! São coisas sérias que não vos interessam. Não lestes?...Ah! fizestes bem!” (Alencar, 2003, p. 119); “E agora atirai o jornal de lado, ou antes passai-o ao vosso marido, ao vosso pai ou ao vosso titio, para que ele leia o resto” (Alencar, 2003, p. 216).

Em se tratando de assunto sério, Alencar teve um amplo espaço de discussão com seu leitor acerca das questões políticas e econômicas do império. Era no tempo do Marquês de Paraná. A Conciliação foi alvo de muitas farpas de Alencar, que se dizia favorável à serenidade política, mas não aceitava a apatia dos partidos nem o acordo de interesses pessoais (Alencar, s/d, p. 174). Dirigindo-se ao leitor, arremata:

Desejava bem dar-vos alguma notícia da oposição; porém creio que os oposicionistas modernos procedem de uma maneira muito diferente da que se usava outrora. Em vez de atacarem o governo, defendem-no; e por isso contaram-me que, perguntando o presidente a um deputado que pedira a palavra na resposta à fala do trono se era pró ou contra, respondera que seria como quisessem (Alencar, s/d, p. 226).

No folhetim seguinte retoma o assunto, mas de forma bastante metafórica. Logo no início pede desculpas ao seu leitor por ter que incomodá-lo com a narrativa de um episódio pessoal: o folhetinista, estando na casa de um amigo, tentou escrever o seu artigo semanal. Ao colocar a pena no tinteiro, percebeu que ela saía completamente sem tinta. Repetiu o procedimento, até que a pena pediu a palavra. Com espanto, o folhetinista descobriu que a pena tinha declarado oposição ao tinteiro, e vice-versa. Em casa, nova tentativa com seus instrumentos e a mesma cena se repetiu. Não houve meio de conciliar a não ser jogando o tinteiro fora a pedido da pena, da qual ele não podia se desfazer por ser um importante presente. Então a pena até tenta escrever, mas sem a tinta fica impossível (Alencar, s/d, p.p. 227-228). Mesmo que Alencar recorra a uma metáfora para ilustrar a crítica à política da conciliação e assim tornar o assunto leve e de fácil compreensão para um público amplo e diverso como o do folhetim, ele não emprega a interlocução à leitora; quando aborda a

política ou assuntos considerados sérios, nunca aparece a referência à amável leitora.

A interlocução de Alencar não se dá apenas com o leitor comum. O folhetinista estabelece algumas polêmicas já na primeira série de “Ao Correr da Pena”, no *Correio Mercantil*, realizando uma interlocução direta com seus contendores, que o folhetinista considera leitores de sua sessão. A primeira delas se refere à nacionalização da língua, mesmo tema que mais tarde Alencar defenderia com acinte². O folhetinista discute com correspondentes de jornais do período, que criticam a linguagem de Alencar por não atender a uma nacionalização da língua. No folhetim de 4 de fevereiro de 1855, Alencar responde a um desses contendores: “Peço-lhe, a bem da nacionalização da língua, que me ensine a maneira de traduzir e nacionalizar as palavras *coquette, disappointment, nuance, gressette, badaud, iluminures, etc*”³.

Alencar critica, na sessão forense, o regimento de custas, uma espécie de gratificação que o indivíduo deveria pagar aos funcionários da justiça pelos serviços prestados. Logo em seguida, em resposta à posição de Alencar, surgem artigos no *Jornal do Commercio*, assinados por P., que defendem o regimento. Alencar aproveita para incendiar uma nova discussão nas colunas do folhetim. Em muitos momentos, o folhetinista se dirige diretamente ao articulista anônimo, oscilando o tom entre irônico e mordaz: “Permiti, mestre, que ainda uma vez profane o sagrado santuário da justiça, cuja guarda vos foi confiada. Estou convertido às custas; mas, como neófito ignorante, tenho algumas dúvidas a respeito” (Alencar, s/d, p. 175).

E assim o folhetinista vai dialogando com interlocutores da imprensa, da política, da literatura e das artes, os quais Alencar demonstra que são leitores de seus comentários na sessão:

E então, que me diz a isto o Sr. Ministro da Justiça? Vê como se desrespeita a S. Ex.^a, como se ridiculariza uma instituição de tanta gravidade sobre a nossa magistratura, e sobre todos os empregados dessa repartição? (Alencar, s/d, p. 181)

Onde quer que te aches agora, sublime maestro, estou certo que sábado à

² “Nós, os brasileiros, temos descurado inteiramente o máximo assunto da nacionalidade de nossa literatura; e por uma timidez censurável nos deixamos governar pela férula do pedantismo português, que pretende o monopólio da ciência e polimento da nossa língua. Eu insurgi-me contra essa tirania literária”. Carta transcrita por Raimundo de Menezes em *José de Alencar: literato e político*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.

³ Trecho transcrito por Lira Neto em *O inimigo do rei: uma biografia de José de Alencar ou a mirabolante aventura de um romancista que colecionava desafetos, azucrinava D. Pedro II e acabou inventando o Brasil*. São Paulo: Globo, 2006, p. 116.

noite, até por volta de duas horas, em que o diabo na figura de Bouché sumiu-se pelo tablado, não pudeste conciliar o sono e levaste a rolar na cama, como se te perseguisse um exército de pulgas e de mosquitos (Alencar, s/d, p. 103).

É claro que sua intenção comunicativa não se restringe a esses interlocutores mencionados. Essa estratégia discursiva estimula a curiosidade do público, que se sente numa posição de *voyeur*, dando conta de um diálogo que, supostamente, não lhe é destinado.

Seja quem for o interlocutor de seus folhetins – representações políticas, artísticas ou leitor comum - o público prefigurado por Alencar nas crônicas é constituído por aqueles que frequentam os salões, vão ao teatro, participam da vida política, compram nas melhores lojas da rua do Ouvidor: “Quando queremos jantar, vamos ao Hotel da Europa; se desejamos passar a noite, escolhemos entre o baile e o teatro. Compramos luvas no Wallerstein, perfumarias no Desmarais, e mandamos fazer roupa no Dagnam” (Alencar, 2003, p. 29). Além do mais, têm conhecimentos de francês, inglês, italiano e latim – idiomas vastamente empregados pelo folhetinista - têm noções a respeito de personagens e obras clássicas, enfim, pertencem ao que chama de “fina flor da sociedade” ou de “sociedade escolhida”, expressões estas recorrentemente usadas por Alencar:

A noite que eu esperava ansiosamente, chegou. Às nove horas entrei no Cassino, onde tive o sumo prazer de encontrá-lo [Francisco Otaviano], o que fez-me passar algumas horas bem agradáveis. Se a falta do nosso folhetim de amanhã, a qual deploro igualmente com o senhor, não o traz ainda atordoado a esta hora, deve lembrar magnífico pela elegância das senhoras, e pela sociedade escolhida que aí se reuniu (Alencar, s/d, p. 48).

Vale ressaltar que estamos lidando aqui com a imagem de leitor figurada a partir da leitura das crônicas, não se trata de identificar o público real dos folhetins de Alencar, nem de sugerir que o escritor faça alguma seleção de público. Observando essas crônicas, enquanto os frequentadores da vida elegante são referenciados como interlocutores, o menos favorecido nunca é incluído como interlocutor do discurso, sendo referenciado sempre em 3ª pessoa. Alencar nobilita a sociedade requintada e pinta de maneira nada ideal o pobre:

Este pão é o pão do trabalho, do trabalho ativo, honesto e inteligente a que todo o pobre deve dedicar-se com amor, deixando os hábitos de indolência e os vícios, que quase sempre são a causa única da miséria. Esta espécie pois exige do governo não só uma proteção à indústria do país, como uma polícia ativa e regular, com as competentes casas de detenção, necessárias para o trabalho dos vadios e mendigos (Alencar, s/d, p. 288).

É preciso, ao passo que o país engrandece, prevenirmos a formação dessa classe de proletários, dessa pobreza, que é a chaga e ao mesmo tempo a

vergonha das sociedades européias. [...] O que é verdade é que não devemos deixar de concorrer com as nossas forças para essa obra filantrópica da extinção da pobreza proletária. É isto, não porque receemos tão cedo a existência desse cancro social, mas porque semelhante estudo deve-se guiar nos meios de prevenir os vexames e misérias por que pode passar a classe proletária no nosso país (Alencar, 2003, p. 134-135).

O folhetim funciona, para Alencar, como um laboratório para a sua escrita e o insere como escritor no contexto letrado do período. Alencar reconhece a importância desse espaço para a sua promoção, pois valoriza o potencial do folhetim de preparar o ambiente para o escritor ousar em outros gêneros, o que pode, dependendo de seu manejo, levá-lo à glória ou ao fracasso:

O jornalista e o folhetinista têm penas, em todos os sentidos; como as aves, as suas penas formam as asas, que o elevam e o fazem voar. Às vezes voam, como as águias que são rainhas dos ares; outras vezes voam como as andorinhas que rastejam na terra. E ainda é bom quando não lhes sucede como à formiga, que quando cria asas é para se perder. Assim pois, águia, andorinha ou formiga, o folhetinista não deve quebrar a sua pena, quando muito, pode fazer como certas aves que eu conheço, que arrancam as penas velhas das asas para fazer o seu ninho e dos seus filhos (Alencar, 2003, p. 252).

É o que faz Alencar, prepara o ninho de seus filhos, exercitando a sua desenvoltura narrativa. No folhetim de 18 de novembro de 1855, Alencar compõe a sua crônica a partir da estrutura de um livro, no qual retoma, no que seria o prólogo, a metáfora da paternidade: “Se o público acolher bem este meu primeiro filho, talvez que animado pela benevolência me resolva a continuar na carreira encetada. Do contrário consolar-me-ei com a consciência de ter cumprido o meu dever” (Alencar, 2003, p. 233).

Antes de dar início à sua carreira com obras ficcionais, ensaia essa habilidade no espaço do folhetim. São exemplos dessa sua iniciativa o folhetim de 31 de dezembro de 1854, em que compõe uma espécie de conto fantástico, que tem como enredo a estranha visita de um velho senhor que se apresenta como o Ano de 1854; o de 6 de maio de 1855, em que narra a sua visita a um estabelecimento ótico onde encontra uma luneta mágica; e os de 12 de junho de 1856 e 1º de julho de 1856, em que faz um curioso ensaio de uma peça intitulada “Rio de Janeiro às direitas e às avessas”, que teria desencadeado a escrita de *Rio de Janeiro verso e reverso*.

Em *Como e porque sou romancista*, Alencar afirma ter sido motivado, ainda em 1842, a escrever um romance sobre a revolução parlamentar da maioria, não o tendo concluído.

Declara que em 1848, depois de passar dois meses no Ceará, ressurgiu nele a “veia do romance”: “Era uma coisa vaga e indecisa, que devia parecer-se com o primeiro broto d’*O Guarani* ou de *Iracema*, flutuava-me na fantasia” (Alencar, 2005, p. 48). Refere também que o romance *Os Contrabandistas* teria sido escrito na mesma época e queimado por um colega que usava das páginas de seu manuscrito para fumar.

Na crônica de 21 de janeiro de 1855, antes mesmo da publicação do poema *A Confederação dos Tamoios* e da famosa polêmica, Alencar escreve um folhetim em que visualiza o passado do país: os navegantes portugueses; os índios num ambiente edênico; personalidades históricas, como Martim Afonso, Villegagnon e Estácio de Sá; combates. Ao final de toda uma exposição histórica, conclui: “O que acabais de ler é uma página perdida, é uma folha arrancada a um livro, que talvez daqui a algum tempo vos passará pelos olhos, se não tiver o destino de tantos outros que, antes de nascidos, vão morrer entre as chamas” (Alencar, 2003, p. 114). Talvez aqui há uma referência ao que teria ocorrido com *Os Contrabandistas*. Alencar anuncia, portanto, aos seus leitores, dois anos antes da publicação de *O Guarani*, o seu projeto de escrever um romance que contemplasse a história e os personagens nacionais: “A história do Rio de Janeiro tem algumas páginas, como essa, tão belas, tão poéticas que às vezes dá tentações de arrancá-las das velhas crônicas, onde jazem esquecidas, para orná-las com algumas flores deste tempo” (Alencar, 2003, p. 114). Alencar revela uma relação de cumplicidade com o leitor dos folhetins, com quem partilha o seu propósito de arrojá-lo no campo da ficção, onde a representação de imagem de leitor passa a se intensificar, como revela Antonio Candido, quando trata dos romances alencarininos, ao propor um Alencar para cada perfil de leitor:

o Alencar dos rapazes, heróico, [em que] Peri, Ubirajara, Estácio Correia (*As minas de prata*), Manuel Canho (*O gaúcho*), Arnaldo Louredo (*O sertanejo*) brotam como respostas ao desejo ideal de heroísmo e pureza a que se apegava, a fim de poder acreditar em si mesma, uma sociedade mal ajustada, agitada por lutas recentes de crescimento político[...]; o Alencar das mocinhas, gracioso, às vezes pelintra, outras, quase trágico[...], criador de mulheres cândidas e de moços impecavelmente bons, que dançam aos olhos do leitor uma branda quadrilha, ao compasso do dever e da consciência, mais fortes que a paixão; [e o Alencar dos adultos], formado por uma série de elementos pouco heróicos e pouco elegantes, mas denotadores dum senso artístico e humano que dá contorno aquilino a alguns perfis de homem e de mulher (2006, p.25).

A abordagem de Candido é passível de discussão. O importante a ser considerado nessa passagem é o fato de os romances alencarininos apresentarem elementos que atendem os anseios de várias categorias de leitor, tanto que o escritor se lançou a diversos tipos de

romances: os perfis de mulher; os romances históricos, indianistas, regionalistas, urbanos. Para que Alencar elaborasse concepções de expectativas do leitor, a atividade de folhetinista foi de decisiva relevância, pois lhe possibilitou embates e discussões que o fizeram construir uma imagem de leitor sintonizada com o seu ideal de civilizar e elevar o público leitor brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **Ao Correr da Pena**. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

_____. **Coleção melhores crônicas**; seleção de João Roberto Faria. São Paulo: Global, 2003.

_____. **Como e porque sou romancista**. Campinas, SP: Pontes, 2005.

BROCA, Brito. “Ao Correr da Pena”. In: BROCA, Brito. **Românticos, Pré-românticos e ultra-românticos**: vida literária e romantismo brasileiro. São Paulo; Pólis; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

MENEZES, Raimundo de. **Cartas e documentos de José de Alencar**. São Paulo; Brasília: HUCITEC; INL, 1977.

_____. **José de Alencar**: literato e político. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.

NETO, Lira. **O inimigo do rei**: uma biografia de José de Alencar ou a mirabolante aventura de um romancista que colecionava desafetos, azucrinava D. Pedro II e acabou inventando o Brasil. São Paulo: Globo, 2006.

SALES, Germana Maria Araújo. **Palavra e sedução** – uma leitura dos prefácios oitocentistas (1826-1881). Tese (Doutorado em Teoria e História Literária), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2003.

Periódicos consultados

Diário do Rio de Janeiro

Jornal do Commercio